Quando Você Volta Sem Motivo

Ele não precisa de outra desculpa. Precisa de um convite.



Laura Bellini

Quando Você Volta Sem Motivo

Ele não precisa de outra desculpa. Precisa de um convite.

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384904190

ALL-IN Rafał Płonkowski

ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - As Condições do Retorno 12
Capítulo 2 - Fora do Horário de Funcionamento 23
Capítulo 3 - Entre Uma Estante e Outra 36
Capítulo 4 - Coisas Que Não Se Dizem de Imediato 47
Capítulo 5 - O Direito de Dizer Não 57
Capítulo 6 - O Momento Que Escolhemos 67
Capítulo 7 - Sob Uma Luz Diferente 75
Capítulo 8 - Do Outro Lado da Porta 85
Capítulo 9 - O Preço de Uma Decisão Compartilhada 94
Capítulo 10 - Sem Outra Desculpa 104
Capítulo 11 - Um Lugar Para Dois 114
Capítulo 12 - O Motivo Que Não Existia 123
Capítulo 13 - O Limite do Compromisso 132
Capítulo 14 - A Verdade Entre Nós 142
Capítulo 15 - Todos os Motivos Não Revelados 152
Capítulo 16 - A Distância de Que Precisávamos 163
Capítulo 17 - O Que Permanece Quando Partimos 172
Capítulo 18 - Um Convite Sem Condições 182
Capítulo 19 - A Noite Que Pertencia a Todos 191
Capítulo 20 - Quando Você Volta Sem Motivo 202

INTRO

Pela primeira vez em dezessete anos, decidi fechar meu sebo antes das seis da tarde. Não por causa de uma doença, de algum problema técnico ou de uma comemoração em família. Eu simplesmente queria sair antes de escurecer, caminhar às margens do rio Oder e jantar em algum lugar onde não precisasse preparar a própria comida. Aos quarenta e cinco anos, uma decisão dessas não deveria exigir nenhuma coragem especial. Mesmo assim, quando me preparei para virar a plaquinha de "Aberto" na porta, tive a sensação de estar prestes a cometer um pequeno crime contra a minha própria vida.

O sebo "Druga Strona" ocupava o térreo de um prédio antigo em uma rua transversal de Szczecin, não muito longe da avenida Wojska Polskiego. Tinha janelas altas, um piso que rangia e um cheiro que nenhum perfume conseguiria reproduzir. Papel, madeira, um pouco de poeira e o café que eu sempre esquecia de tomar. Ao longo dos anos, havia organizado aquele lugar de modo que cada objeto tivesse uma razão para estar ali. Até a poltrona junto à janela, revestida de veludo verde-escuro, não estava lá apenas para decorar. Era destinada às pessoas que precisavam de alguns minutos de tranquilidade antes de voltar ao mundo.

Naquela tarde, meu vestido azul-marinho estava estendido sobre a poltrona.

Eu o havia levado de manhã, dentro de uma capa protetora, com a intenção de trocar de roupa depois do expediente. Tinha uma reserva para uma pessoa em um pequeno restaurante em Łasztownia. Não pretendia explicar a ninguém por que uma mulher que administrava um sebo

próspero precisava planejar com tanto cuidado uma noite sozinha. Nos últimos meses, eu havia passado mais tempo organizando a vida dos outros do que vivendo a minha: encomendas, avaliações, reuniões, buscas por edições raras e favores para amigos que sempre apareciam com algum problema urgente. Agora, queria fazer alguma coisa exclusivamente por mim.

Às cinco e vinte e sete da tarde, o telefone tocou.

Na tela apareceu o nome de Maria, minha amiga e antiga cúmplice de todos os projetos que começavam com as palavras "é só um favorzinho".

— Se você vai me pedir para guardar mais seis caixas de livros, a resposta é não — falei, em vez de cumprimentá-la.

— Três. Mas não é por isso que estou ligando.

— Maria...

— Você se lembra da livraria "Pod Żurawiem"?

Olhei para a estante atrás do balcão. Na prateleira mais alta havia uma antiga edição de poemas, encadernada em tecido, que eu comprara justamente naquela livraria, ainda na época da faculdade. Ela funcionava em um prédio nos fundos de um imóvel na rua Jagiellońska. Havia fechado mais de uma década antes, e suas vitrines estavam cobertas por folhas de papel amareladas havia muito tempo.

— Claro que me lembro.

— A nova proprietária quer abrir o espaço por uma noite, antes de decidir o que fazer com o imóvel. Convidar antigos clientes, recriar um pouco da atmosfera de antes. Pensei que você poderia ajudar com os livros.

Senti aquela pontada familiar de interesse. A "Pod Żurawiem" não era uma livraria qualquer. Foi ali que

descobri que uma pessoa podia passar uma tarde inteira entre estantes sem se sentir sozinha por um único instante. A antiga proprietária, dona Helena, deixava que nos sentássemos no chão com livros que não tínhamos dinheiro para comprar. Eu não queria ver aquele lugar transformado em mais uma cafeteria cheia de cadeiras da moda.

— Posso emprestar alguns exemplares da época. E ajudar a selecionar os títulos. Mas não vou assumir a organização do evento inteiro.

— É justamente por isso que estou ligando. Outra pessoa vai cuidar da montagem da exposição.

Ouvi o farfalhar de papéis e aquela hesitação característica de Maria.

— Quem? — perguntei.

— Zenon Leśny.

Apoiei a mão no balcão. Por um instante, tudo o que ouvi foi o ruído distante de um bonde e o zumbido suave do ventilador acima da porta.

Eu não via Zenon havia quase nove anos. Ele era uma daquelas pessoas capazes de entrar em um ambiente e perceber imediatamente algo que todos os outros haviam ignorado. Mudava uma luminária de lugar, abria uma janela ou afastava uma cadeira, e de repente o espaço inteiro parecia fazer sentido. Projetava exposições, instalações para museus e pequenos interiores aos quais conseguia dar personalidade. Também tinha o hábito irritante de fazer perguntas que ninguém conseguia responder sem revelar alguma coisa íntima.

— Pensei que ele morasse em Poznań — comentei.

— Voltou para Szczecin. Já faz algum tempo que está por aqui.

— Entendo.

— Delfina, você não precisa transformar isso em um acontecimento histórico.

— Não estou transformando.

— Estou percebendo.

Não respondi. Lembrei-me da última noite em que havíamos conversado por horas. Estávamos sentados em uma sala vazia, depois do encerramento de uma exposição, enquanto Zenon me contava sobre um projeto que mudaria sua vida profissional. Ele tinha uma esposa, planos e um futuro claramente definido. Eu tinha um sebo recém-inaugurado e a convicção de que me aproximar da pessoa errada podia custar mais caro do que a solidão. Nunca aconteceu nada entre nós que precisássemos esconder. Talvez fosse justamente por isso que eu me lembrava daquela noite com uma precisão tão incômoda.

— Amanhã mando os detalhes — anunciou Maria. — E fique tranquila, hoje ninguém vai incomodar você.

Desliguei sem acreditar na última frase.

Às cinco e quarenta e dois, ouvi o sininho acima da porta.

Eu estava diante do espelho nos fundos da loja, com um dos botões da camisa aberto. Voltei rapidamente para a área de vendas, pronta para informar com educação ao cliente atrasado que estávamos fechando. Mas as palavras morreram antes de sair da minha boca.

Zenon Leśny estava no meio do sebo, com uma pasta fina debaixo do braço. Usava um sobretudo grafite e uma camisa clara, com as mangas dobradas. Seus cabelos, antes

escuros, estavam visivelmente grisalhos nas têmporas. Notei também as pequenas rugas ao redor dos olhos. Ele aparentava seus quarenta e nove anos, e havia algo surpreendentemente atraente nisso.

Ele não olhou imediatamente para os livros.

Olhou para mim.

— Delfina.

Pronunciou meu nome com tanta naturalidade que parecia que tínhamos nos despedido no dia anterior.

— Zenon. Pelo visto, você é o responsável pela exposição.

Um sorriso discreto apareceu em seu rosto.

— Maria já ligou?

— Ela me avisou sobre um certo projeto. Só não mencionou que o representante dele apareceria hoje.

— Eu estava por perto. Queria perguntar se você tem alguma fotografia antiga da livraria.

— Um telefonema teria sido mais simples.

— Sem dúvida.

Ele não tentou inventar uma resposta melhor. Em vez disso, olhou para o vestido sobre a poltrona e depois para o relógio acima do balcão.

— Estou atrapalhando.

— Eu estava justamente fechando.

— Nesse caso, não vou tomar mais seu tempo.

Disse aquilo sem nenhum traço de ressentimento, mas continuou parado. Havia algo em seu olhar de que eu não me lembrava. Insegurança, talvez cansaço. O Zenon que eu

conhecera sempre tinha um plano pronto. O homem à minha frente parecia ter vindo com a intenção de dizer alguma coisa importante, mas perdido a coragem no último instante.

— Tenho uma fotografia — falei. — Da reinauguração da livraria, depois da reforma de noventa e oito. Espere um instante.

Tirei a fotografia de uma gaveta identificada como "Szczecin — lugares". Zenon se aproximou do balcão. Ficou perto, mas deixou espaço suficiente entre nós para que eu mesma decidisse se queria diminuir aquela distância. Reconheci seu perfume discreto, amadeirado, e me lembrei de que, no passado, eu prolongava nossas conversas por causa daquele cheiro, mesmo quando já não tínhamos mais nada sobre o que falar.

Ele se inclinou sobre a fotografia.

— Dona Helena sempre colocava esta mesinha perto da entrada — comentou. — Lembra? Com os livros que ninguém queria comprar.

— Porque ela achava que os livros que ninguém queria eram justamente os que mais precisavam de um bom lugar.

— Você também pensava assim.

— Ainda penso.

Ele me olhou com um sorriso que, dessa vez, não era apenas educado.

— Que bom que nem tudo mudou.

Eu poderia ter perguntado sobre sua vida, sua esposa, seus anos de ausência. Nenhuma dessas perguntas, porém, parecia adequada naquele balcão, entre a caixa registradora e uma pilha de faturas ainda não pagas. Apenas reparei que ele não usava aliança. Não sabia o que aquilo significava e

não pretendia inventar uma história para preencher o silêncio.

Zenon colocou a fotografia no envelope que eu havia preparado.

— Devolvo amanhã. Posso passar aqui à tarde?

— Pode deixar com Maria.

Ele hesitou.

— Claro.

Segurei a porta enquanto ele saía. O ar da noite tinha cheiro de chuva e de pedras molhadas. Na calçada, Zenon parou e se virou para mim.

— Você está bonita, Delfina.

Olhei para minha camisa comum e para o punho ainda desabotoado.

— Nem tive tempo de trocar de roupa.

— Não estava falando do vestido.

Por alguns instantes, ficamos frente a frente, separados pela soleira do sebo. Então Zenon assentiu discretamente, desejou-me uma boa noite e seguiu em direção ao cruzamento.

Fechei a porta, mas não apaguei as luzes.

O vestido azul-marinho continuava esperando sobre a poltrona. Minha reserva no restaurante ainda estava confirmada. Eu tinha tudo de que precisava para aquela noite tranquila e agradável que desejava havia tanto tempo.

Mesmo assim, passei alguns minutos olhando para a calçada vazia do outro lado do vidro.

Não porque quisesse que Zenon voltasse para buscar outra fotografia.

Eu queria saber se, quando já não tivesse nenhum motivo profissional, ele seria capaz de aparecer simplesmente porque desejava me ver.

E havia outra pergunta que me inquietava ainda mais: se um dia ele finalmente me pedisse, eu teria coragem de convidá-lo a fazer parte da minha vida?

Capítulo 1 - As Condições do Retorno

Na manhã seguinte, cheguei ao sebo meia hora mais cedo do que de costume. Não porque estivesse esperando Zenon. Pelo menos foi essa a versão que contei a mim mesma enquanto, pela terceira vez, reorganizava os livros da vitrine e me perguntava se a blusa verde-escura não parecia elegante demais para um dia comum de trabalho.

Na noite anterior, eu havia jantado sozinha, exatamente como planejara. Tomei uma taça de vinho, pedi uma sobremesa e passei boa parte do tempo observando as luzes refletidas na água. Foi agradável. Muito agradável, até. Só que, quando o garçom perguntou se eu estava esperando alguém, respondi com uma firmeza exagerada que não. Só mais tarde percebi o quanto aquela simples pergunta havia me irritado.

Agora, parada entre as estantes, eu tinha um problema bem mais concreto diante de mim. Durante a madrugada, Maria me enviara um plano preliminar para a revitalização da livraria "Pod Żurawiem". Três páginas repletas de entusiasmo, ideias genéricas e frases começando com "poderíamos". Não havia orçamento, cronograma nem qualquer indicação de quem seria responsável por cada tarefa. Em compensação, havia uma lista de trinta e sete pessoas que Maria pretendia convidar e uma observação escrita à mão: "Delfina com certeza vai pensar em alguma coisa linda".

Era justamente isso que eu queria evitar.

Eu amava os livros antigos, suas histórias e as pessoas capazes de enxergar valor naquilo que os outros consideravam inútil. Mas isso não significava que desejasse

sacrificar cada minuto do meu tempo livre para salvar as ideias alheias. Em dezessete anos administrando o "Druga Strona", aprendera que a obrigação mais exaustiva muitas vezes é aquela que ninguém nos atribuiu oficialmente.

Às dez horas, Maria entrou carregando dois copos de café.

— Você está com cara de quem vai participar de uma negociação de paz — observou.

— Se pretende organizar um evento sem orçamento, talvez algumas negociações sejam mesmo necessárias.

Ela colocou o café sobre o balcão e olhou ao redor com a expressão de quem havia percebido alguma coisa suspeita.

— Blusa nova?

— Velha.

— Mas faz tempo que você não usa.

— Maria, tenho quarenta e cinco anos. Sou perfeitamente capaz de escolher minhas próprias roupas.

— Não estou questionando sua competência.

Ela se acomodou na beirada da poltrona e examinou as folhas que eu havia impresso. Maria tinha um talento especial para iniciar projetos nos quais outras pessoas acabavam descobrindo habilidades que nem imaginavam possuir. O problema era que, às vezes, faziam essas descobertas contra a própria vontade.

— Conversei com a proprietária do imóvel — contou. — Ela se chama Natalia Borkowska. Herdou o prédio de uma tia. Quer descobrir se a antiga livraria pode voltar a ser um ponto de encontro.

— Então ela ainda não sabe se pretende reabrir o lugar?

— É justamente por isso que estamos organizando essa noite. Para mostrar que existe interesse.

— E se não existir?

Maria deixou o copo de lado.

— Então, pelo menos, vamos nos despedir daquele lugar com dignidade.

Eu não podia negar que aquele argumento me tocava. Lembrava-me de dona Helena sentada atrás do balcão, com um lápis preso nos cabelos. Das tardes de inverno em que ela nos deixava ler perto de um pequeno aquecedor. Fora uma das primeiras pessoas a me dizer que eu deveria trabalhar profissionalmente com livros.

— Posso preparar uma seleção de cem títulos — respondi. — Parte do meu próprio acervo, parte de obras em consignação. Mas quero ter controle sobre a disposição e a proteção dos exemplares.

— Zenon tem uma proposta própria.

— Eu sei. E é justamente por isso que pretendo estabelecer os limites desde o começo.

O sininho acima da porta interrompeu nossa conversa.

Zenon entrou carregando um tubo para projetos e uma sacola grande de papel. Não usava mais o sobretudo. O suéter azul-marinho realçava a largura de seus ombros, e os fios grisalhos nas têmporas pareciam mais evidentes à luz da manhã do que no dia anterior. Também reparei que trazia a mesma pasta na qual havia guardado minha fotografia.

— Bom dia — cumprimentou. — Espero que não tenham começado sem mim.

— Estamos justamente decidindo o que você está proibido de fazer — respondi.

Ele olhou para Maria e depois para mim.

— Sensato. É sempre melhor conhecer as restrições antes de cometer algum erro.

Maria sorriu com uma satisfação que nem tentou disfarçar.

Zenon abriu algumas folhas sobre a mesa. Eram desenhos da antiga livraria, cortes dos ambientes e propostas para a iluminação. Trabalhava com a precisão de que eu me lembrava. Cada linha tinha uma justificativa. Não tentava impressionar ninguém com soluções complicadas. Apresentava o espaço como se fosse capaz de enxergar suas possibilidades antes mesmo que a poeira e os móveis velhos fossem removidos.

— Quero deixar à mostra a parede original com as prateleiras — explicou. — Preservar as marcas do uso ao longo dos anos. As pessoas não devem entrar em uma livraria nova fingindo ser antiga. Precisam encontrar um lugar que realmente resistiu ao tempo.

— Concordo — falei.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Tão rápido?

— Não se acostume.

Apontei para a parte central da planta.

— Aqui você propõe mesas abertas com livros. Não concordo, se forem os meus exemplares.

— Por quê?

— Porque as pessoas vão colocá-los de volta em qualquer lugar. Alguns têm mais de cem anos. Outros possuem encadernações delicadas. Não pretendo explicar

depois aos proprietários das obras consignadas que alguém usou uma primeira edição como apoio para uma xícara.

Zenon examinou o desenho.

— Nesse caso, precisamos de exemplares que possam ser manuseados sem risco de danos.

— Isso muda o caráter da exposição.

— Talvez. Mas, se colocarmos tudo atrás de vidros, estaremos criando um pequeno museu, não uma noite para celebrar a revitalização de uma livraria.

Maria alternava o olhar entre nós.

— Quem sabe conseguimos chegar a um meio-termo?

— Primeiro quero ouvir o que Zenon está realmente propondo — respondi.

Ele virou a folha e desenhou alguns retângulos.

— Três áreas. A primeira, com livros que as pessoas possam folhear livremente. A segunda, com edições valiosas, devidamente protegidas. A terceira, com um espaço onde os antigos clientes possam contar suas histórias. Mas com uma condição.

— Qual?

Ele olhou diretamente nos meus olhos.

— Não quero que você trate isso como mais uma exposição que pode preparar sozinha e depois entregar pronta. Precisamos trabalhar juntos. Desde o início.

Não gostei de seu tom. Era tranquilo, porém firme. Gostei ainda menos de perceber que ele provavelmente tinha razão.

— Não preciso de um supervisor — retruquei.

— E não pretendo ser um.

— Então por que está condicionando nossa colaboração à minha presença em todas as etapas?

— Porque você conhece a história desse lugar e as pessoas que o frequentavam. Sem você, vou criar uma cenografia bonita. Com você, podemos recuperar alguma coisa verdadeira.

Por um instante, não soube o que responder. Zenon não estava tentando se apropriar dos meus conhecimentos. Pelo contrário, falava deles com tanta convicção que era difícil encontrar um argumento contra sua proposta.

— Posso dedicar duas tardes por semana ao projeto — anunciei. — Não mais do que isso.

— Para começar, é suficiente.

— E nada de visitas espontâneas trazendo novas ideias.

Um sorriso quase imperceptível surgiu em seu rosto.

— Essa condição vai ser especialmente difícil.

— Mais um motivo para deixá-la por escrito.

Maria caiu na risada, mas eu continuei séria. Sabia como era fácil acabar entregando meu tempo aos outros. Também sabia reconhecer quando alguém era interessante o bastante para fazer minhas próprias regras começarem a parecer exageradas.

Durante a hora seguinte, discutimos as possibilidades da antiga livraria. Maria telefonava para Natalia, enquanto eu verificava a disponibilidade das obras que poderiam integrar a exposição. Zenon ouvia com atenção. Quando eu explicava o valor de determinada encadernação, ele não me interrompia. Quando falava sobre a importância da iluminação na percepção de um ambiente, eu não tentava demonstrar que sabia mais do que ele.

Aquele equilíbrio era surpreendentemente agradável.

Por volta do meio-dia, Maria precisou sair para uma reunião. Ficamos sozinhos à mesa, cercados de desenhos.

Zenon enrolou uma das folhas, mas não pegou outra.

— Você realmente queria sair mais cedo ontem? — perguntou.

— Realmente.

— Conseguiu?

— Sim. Jantei em Łasztownia.

— Foi bom?

— Muito.

— Fico feliz.

Ele disse aquilo com tanta naturalidade que, por um momento, fiquei sem resposta. Não perguntou com quem eu estava. Não tentou tirar conclusões. Interessou-se apenas pela minha noite, como se o simples fato de eu ter feito algo por mim mesma já fosse importante o suficiente.

— E você? — perguntei. — O que fez depois que saiu daqui?

— Fui para casa. Tentei trabalhar no projeto, mas não consegui fazer muita coisa.

— Por quê?

Ele passou a mão pela nuca.

— Fiquei pensando no quanto Szczecin mudou. E em como é estranho voltar a lugares onde deixamos uma parte de nós mesmos.

Não sabia se estava falando apenas da cidade. Senti vontade de perguntar o que realmente o havia trazido de volta. Em vez disso, peguei minha xícara.

— Alguns lugares recebem bem quem retorna — comentei. — Outros já não nos pertencem.

— E as pessoas?

Olhei para ele.

— As pessoas nunca nos pertencem, Zenon.

Ele recebeu a resposta sem sorrir.

— Você tem razão.

O silêncio que se seguiu não foi constrangedor, mas tinha um peso que eu não conseguia ignorar. Zenon me observou por alguns instantes, como se pretendesse acrescentar alguma coisa. Por fim, pegou a pasta.

— Vou preparar uma versão revisada do projeto. Gostaria de mostrá-la a você na quinta-feira.

— A que horas?

— Depois que o sebo fechar seria mais conveniente.

— Para quem?

Ele soltou uma risada baixa.

— Para mim, com certeza.

— Na quinta-feira tenho aula de restauração de encadernações. Termino às seis e meia da tarde.

— Posso vir às sete.

— Quer conversar sobre trabalho fora do expediente outra vez?

Ele parou perto da porta.

— Parece que tenho um talento especial para isso.

Não respondi imediatamente. Seu olhar permaneceu no meu rosto um pouco mais do que seria necessário em uma conversa estritamente profissional.

— Envie o projeto antes — falei. — Vou decidir se a reunião é necessária.

Ele assentiu.

— Claro, Delfina.

Quando saiu, voltei a organizar a mesa. Só alguns minutos depois percebi que ele havia deixado uma pequena folha de papel. Era um desenho a lápis da entrada da antiga livraria. Entre os detalhes da fachada, havia espaço para um pequeno banco debaixo da janela.

Na parte inferior, escrevera: "Para aqueles que não querem ir embora imediatamente".

Fiquei olhando para aquelas palavras por um longo tempo.

Não sabia se ele estava pensando exclusivamente nos antigos clientes da livraria. Sabia, porém, que fazia muito tempo que alguém não questionava meus planos sem me fazer sentir diminuída. Zenon não estava pedindo que eu abrisse mão das minhas opiniões. Queria que eu as colocasse em prática junto com ele.

Era uma diferença que poderia se revelar perigosa.

À tarde, Maria telefonou.

— E então, como foi?

— Estabelecemos as condições básicas.

— Só isso?

— O que você esperava?

— Nada. Mas Zenon me ligou agora há pouco e perguntou se você é sempre tão exigente.

Senti uma pontada de irritação.

— Espero que tenha respondido a verdade.

— Eu disse que você é ainda pior quando confia em alguém.

— Muito útil.

Maria riu.

— Sabe o que ele respondeu?

Não perguntei, mas ela contou mesmo assim.

— Que, nesse caso, vai precisar se esforçar.

Desliguei pouco depois, usando como desculpa a chegada de clientes. Na verdade, o sebo estava vazio, e eu passei alguns minutos atrás do balcão, olhando para a entrada.

Não gostava quando alguém tentava conquistar minha confiança. Muitas vezes, isso significava que precisava de alguma coisa específica de mim.

Zenon também precisava de algo. Meu conhecimento, meu tempo e meu envolvimento. Portanto, eu deveria tratá-lo como qualquer outro colaborador.

O problema era que nenhum outro colaborador conseguia, com uma única frase dita calmamente, fazer com que eu começasse a imaginar o que gostaria de ouvir na próxima vez.

À noite, recebi uma mensagem.

"Obrigado por hoje. E por não ter me expulsado depois dos primeiros cinco minutos."

Respondi quase imediatamente.

"Não me dê motivos e não vou precisar fazer isso."

Os três pontinhos apareceram na tela, desapareceram e surgiram novamente.

"Vou me esforçar. Boa noite, Delfina."

Deixei o telefone de lado. Só voltei a ler a mensagem pouco antes de dormir, quando o apartamento ficou silencioso e eu já não tinha nenhuma ocupação razoável que pudesse usar como justificativa para minha curiosidade.

Não havia nada de especial naquelas palavras.

E era justamente isso que não me deixava em paz.